

EDWARD LEAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE UMA CARTA DE LEAR PARA CHICHESTER FORTESCUE

Andréa Luciane Buch Bohrer, Professora de Língua Inglesa da Rede Federal de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFPR– Campus Telêmaco Borba; graduada em Letras Português/Inglês; especialista em Línguas Estrangeiras Modernas; mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC); andrea.bohrer@ifpr.edu.br

Resumo: O artigo apresenta a tradução de uma das cartas escritas por Edward Lear (1812 – 1888) durante as viagens que fez ao longo de sua vida. O material faz parte de mais de uma centena de cartas compiladas e editadas por Lady Strachey (STRACHEY, 1907) e nunca traduzidas para o português. Lear foi um dos precursores da literatura nonsense no século XIX, com a publicação do livro *A Book of Nonsense*. Foram abordados alguns textos importantes do pensamento das teorias do Estudo da Tradução. Há comentários acerca do processo e das decisões tradutórias que foram sendo adotadas.

Palavras-chave: Edward Lear. Tradução. Teorias da Tradução. Carta. Nonsense.

Edward Lear: considerations on the translation of a Lear's letter to Chichester Fortescue

Abstract: The article presents the translation of one of the letters written by Edward Lear (1812 - 1888) during his travels throughout his life. The material is part of more than a hundred letters compiled and edited by Lady Strachey (STRACHEY, 1907) and never translated into Portuguese. Lear was one of the forerunners of nonsense literature in the nineteenth century, with the publication of *A Book of Nonsense*. Some important texts about the thought of the theories of the Study of the Translation were approached. There are comments about the process and the translation decisions that have been adopted.

Key words: Edward Lear. Translation. Theories of Translation. Letter. Nonsense.

Data de submissão: 2018-02-05

Aprovado em: 2018-03-27

Pulbicado em: 2018-06-27

Introdução

Edward Lear foi escritor, desenhista e pintor. Viveu no século XIX, na Inglaterra e foi fruto de uma das eras britânicas mais marcantes: a vitoriana. Em seu legado, há o registro de várias cartas escritas durante as viagens que fez a diversos países e a outros continentes também. A tradução de suas cartas é inédita em língua portuguesa. As traduções de Lear que podemos contemplar atualmente são dos seus limeriques e das suas canções. São traduções que exigem trabalhos diferentes. No que diz respeito às cartas, o foco é a letra, em contrapartida aos limeriques na qual a forma precisa ser mantida, uma vez que o encantamento está em não perder as rimas.

Berman (2013) muito contribuiu com pressupostos ao processo tradutório da carta que me propus a traduzir para este artigo, levando em consideração, especialmente seus conceitos de projeto de tradução e posição tradutória. Em meio a tantas teorias de tradução, é necessário que se estabeleça um planejamento tradutório a esse processo e servir como referência às críticas que possam vir a surgir. Quando falamos em sistematicidade é relevante que consideremos que sistema não é método ou prescrição. Sistema implica em ver o todo da obra, no qual o tradutor tem que se colocar em análise e enfrentamento. Em especial, no caso da carta, foi considerada a letra como processo tradutório, entretanto levado em conta, como diz Berman, que a letra do texto não se trata de uma tradução palavra por palavra ou servil.

Para Bassnet (2003) no decorrer dos períodos pelos quais têm passado a tradução, há um olhar ao passado, mas sempre com uma perspectiva no futuro. É difícil prescrever o que é bom ou ruim. Seguimos analisando os passos nos quais se tem traduzido e refletimos sobre a aplicabilidade disso tudo. Em cada momento vamos nos deparar com questões como acerca da traduzibilidade ou não de um texto, da tradução estrangeirizadora ou domesticadora. Ou ainda vamos resgatar o argumento de Schleiermacher (2010) de levar o autor até o leitor ou fazer com que o leitor vá ao encontro do autor. E quanto à língua pura, a qual se refere Benjamin (2010), seria traduzir uma obra tantas vezes que se chegasse a uma tradução perfeita? Intrigamo-nos com a ideia de língua pura, quando nos questionamos sobre a sua existência. Benjamin vai além e trata a traduzibilidade como uma propriedade essencial de certas obras. Argumentos que inquietam a tarefa do tradutor.

Ao longo do artigo, foram abordados aspectos bibliográficos da vida de Edward Lear a fim de elucidar ao leitor a importância e a genialidade desse escritor na literatura inglesa.

Na sequência, foi dedicado um espaço à Teoria da Tradução, com ênfase na obra de Berman. Por fim, a tradução da carta, com as observações e dificuldades que surgiram no processo tradutório. As citações diretas feitas no decorrer do artigo de bibliografia referenciada em língua inglesa são traduções minhas.

Edward Lear: que prazer conhecê-lo! ¹

Edward Lear (1812 – 1888) foi poeta, pintor de paisagens, desenhista e escritor. É considerado, assim como Lewis Carroll, um dos precursores da literatura nonsense e uma das personalidades mais marcantes da Inglaterra vitoriana. Além disso, era um viajante devotado e incansável. Viajou por grande parte da Europa, do Oriente Médio e da Índia, para locais remotos e isolados pouco frequentados por seus colegas britânicos, em busca de paisagens inusitadas. Sua obra completa inclui livros ilustrados de viagens para a Itália, Córsega, Albânia e Calábria; coleção de limeriques publicados sob o título de ‘Um Livro de Nonsense’; pinturas de paisagens e aquarelas de tamanhos e temas variados; poemas e canções; diários e cartas. Sobre a diversidade de sua obra persiste a pergunta: que tipo de personalidade fascinante está por trás desse escritor?

Levi (2013) se refere a Edward Lear como incomparável, um vulcão de criatividade, sociável, alegre, porém com um tom de melancolia. O nonsense, as canções, os poemas e os desenhos são demonstrações de sua genialidade, contudo ler suas histórias de vida através das cartas que escreveu durante as inúmeras viagens que fez, traz à luz características muito peculiares desse extraordinário cidadão inglês. Quanto ao gênero nonsense, presente na sua obra e que também pode ser identificado nas cartas, talvez fosse a válvula de escape de sua consciência a fim de achar respostas sobre suas abordagens acerca de si mesmo e de seu ambiente. Davis (2004) aponta que o surgimento do nonsense através de Lear e Carroll, aparecia como uma forma de romper os conceitos de literatura criados até então. Trazia histórias para crianças não tão despretensiosas quanto parecia. Para Amarante (2011) apesar da intenção dos dois de escrever para crianças, o conjunto da obra de ambos tem sido lido com grande entusiasmo e interesse também por adultos. Nos dois escritores havia um sentimento de questionar como o indivíduo se posicionava diante da sociedade.

¹A frase faz referência ao poema autobiográfico “*How Pleasant to Know Mr. Lear*” escrito em 1875. *Ensino & Pesquisa, União da Vitória*, v.16, n.3, p.7-24, julh./set., 2018.

Inimigo da certeza, das imposições, dos cachorros e da cerveja de gengibre, Edward Lear foi um típico cidadão inglês de sua época, muitas vezes bastante provinciano. Ele cresceu no fim do período romântico, rodeado por uma família numerosa - vigésimo entre os vinte e um filhos de Jeremiah Lear e Ann Skerret - e com Byron sendo seu herói de infância. Criado por sua irmã, 21 anos mais velha do que ele, levaria uma infância normal, embora ignorado por seus pais e com problemas incluindo depressão, a qual ele chamava de mórbida, e epilepsia, chamada de demônio, surgidas na infância. Asma e bronquite também o acompanharam ao longo de sua vida, adquiridas pelo clima frio e pouco ensolarado de Londres.

Buscando um clima mais favorável para suas condições de saúde, Lear decidiu viajar. Saiu da Inglaterra em 1837 com destino a Roma e visitou inúmeros lugares por lá. Produziu vários desenhos e descreveu muitos dos cenários que visitava através de suas cartas. Em muitas das suas descrições, fica bastante evidente a opinião provinciana, comum entre os ingleses instruídos da época, reflexo do poderio britânico. Até chegar a Roma, lugar que o agradou suficientemente a ponto de permanecer lá por anos, há relatos que registram sua primeira impressão na visita às terras italianas. “[...] nada seria suficiente para lhe dar uma ideia do horror que uma pessoa sente ao chegar às pousadas das vilas italianas pela primeira vez [...]” (LEVI, 2013, P.72). Segundo Kellen (1973) os anos na Itália foram os anos mais felizes da vida de Lear. A primeira coisa que fez em Roma foi descobrir a si mesmo, e alcançar equilíbrio, harmonia e felicidade. Publicou em 1846, ‘Excursões Ilustradas na Itália’ com suas memórias de viagem, ilustrado com seus próprios desenhos e dedicado ao Conde de Derby, amigo muito próximo que financiou as primeiras viagens de Lear.

Na primavera de 1845, Lear conheceu, sem dúvida, seu melhor amigo, Chichester Samuel Parkinson-Fortescue. Era um homem, quieto, introvertido e que não se sentia muito à vontade na vida política. Gostava de estar entre pintores e escritores, o que certamente o aproximou de Lear. Viajaram juntos pela Itália e Fortescue o descrevia como uma ótima companhia, cheio de nonsense, trocadilhos, enigmas, e muito senso de humor. As cartas de Lear publicadas por Lady Strachey, que era sobrinha de Fortescue, são na maioria destinadas ao seu grande amigo. Tornou-se Membro do Parlamento irlandês quando passou a ser chamado de Lorde Carlingford.

A Rainha Vitória teve aulas de desenho com Edward Lear no palácio de Osborne. Foi um curso de doze aulas. Strachey (1907) traz na introdução de seu livro uma carta de

Lear a seu amigo Fortescue, na qual ele conta sobre as aulas. Noakes (1979) traz passagens inusitadas entre Lear e a rainha. Ele não tinha muita proximidade com as regras de etiqueta da corte, por isso, não conseguia compreender a razão pela qual toda vez que se aproximava da lareira acesa diante da rainha, um serviçal do palácio o convidava para ver alguma coisa fora da sala. Somente mais tarde descobriu que um sujeito não pode ficar de costas para o fogo diante de um monarca. Em outra passagem, a rainha, afeiçoada ao seu professor de desenho, foi lhe mostrar as joias reais. Lear ficou encantado com o que viu e exclamou empolgado: “Onde conseguiu essas peças tão maravilhosas? Calmamente Sua Majestade respondeu: Herdei-as, Sr. Lear.” (NOAKES, 1979, p. 68)

Em 1846, Lear publicou ‘Um livro de nonsense’ (*A book of Nonsense*) com 72 versos que tanto divertiram as crianças em Knowsley. Na época, normalmente os livros para crianças eram publicados anonimamente ou com pseudônimos. Assim, Derry Down Derry foi o pseudônimo usado por Lear nessa primeira edição. Entretanto, em 1861, o artista orgulhoso de sua obra, estampou, na terceira edição, seu próprio nome, desta vez com 112 versos. Foi a partir de Lear que os limeriques passaram a ser um veículo de inteligência, humor, sagacidade e perspicácia. Segue um de seus limeriques na minha tradução.

Havia um velho de Mino
Fino como um poste, senão mais fino,
De branco eles o deixaram, e bem firme o enrolaram,
O elástico velho de Mino.² (LEAR, 1912)

O livro de Lear causou muito impacto, pois focava na criança real. Alguns heróis eram vaidosos, outros gananciosos. Alguns eram tristes, outros provocativos. Os desenhos que acompanhavam os limeriques eram simples. Era o trabalho de um desenhista de história natural, o que lhes davam um senso de movimento. Os braços eram espontaneamente jogados para trás como as asas de pássaros em voo e as pernas nas pontas dos pés como se estivessem em movimento.

Ficou na Inglaterra até dezembro de 1846, quando retornou à Itália. Ele continuou suas viagens por lá, algumas delas ainda em companhia de John Proby. Voltaram a Roma em outubro de 1847. Em 1848, Lear conheceu Bowen, presidente da Universidade de

² There was an old person of Pinner
As thin as a lath, if not thinner
They dressed him in a white, and roll'd him up tight,
The elastic old person of Pinner

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.16, n.3, p.7-24, julh./set., 2018.

Corfu que o convidou para visitar a ilha grega. Era o lugar perfeito para começar sua exploração pela Grécia. Ficou admirado com as belezas naturais da ilha. O próximo destino foi Atenas. Depois seguiu para a Constantinopla, a convite do Embaixador Inglês na Turquia, Sr. Stratford Canning e sua senhora. Em seguida, John Cross, um amigo que Lear conheceu em Knowsley, convidou-o para viajar ao Egito e Palestina. Lear ficou surpreso com as belezas do Cairo. Numa das cartas, Lear descreve a visita.

Desejo muito ir ao Egito no próximo inverno, se é que terei cobres suficientes para permitir minha estada de 4 a 5 meses lá. Sou louco por Memphis, Isis, crocodilos, conjuntivite, núbios, tempestade de areia, bruxos e mariposas. A contemplação do Egito preenche a mente, quero dizer, a mente artística, como comida boa para ser digerida por longos anos. Tenho muita vontade também de ir à Síria e à Ásia Menor e a todos os tipos de lugares maravilhosos³, mas, quem saberá? Veja, portanto, quão nocivo o estado de não-sabermadasobreoquevaifazer⁴ me encontro. (STRACHEY, 1907, p.8)

De Alexandria, foi a Malta e depois a Pátras. Sua companhia de viagem agora era Franklin Lushington, irmão do secretário do governo de Malta. Tornou-se um grande amigo. Viajaram pelo sul da Grécia juntos. Supostamente a amizade mais intensa e também a mais dolorosa da vida de Lear, por quem ele desenvolveu incontestavelmente uma paixão homossexual, a qual não foi correspondida. Não há relatos de que Lear tenha se declarado a Lushington, vivendo assim uma paixão unilateral.

Quando retornou à Inglaterra, em junho de 1849, soube que tinha herdado 500 libras de uma velha amiga. Sendo assim, com um pouco mais de dinheiro, pode dar sequência aos estudos. No início de 1850, foi selecionado e aceito na Royal Academy School. No início, não foi fácil ficar rodeado por alunos vinte anos mais jovens que ele. Mas, os colegas certamente o viam como alguém muito especial, afinal, era alguém que tinha viajado por vários lugares, tinha três livros publicados sobre suas viagens, tinha vários trabalhos ilustrados sobre história natural e era o autor do famoso ‘Livro do Nonsense’, e, além disso, tinha ensinado desenho à Rainha.

Em dezembro de 1853, viajou para a Alexandria. Percorreu o Nilo. Em outubro de 1854, voltou para a Inglaterra e passou um período recluso em casa

³ O termo nonsense ‘*grisogoriorious*’ criado por Lear pode ser entendido como algo incrível. Optei por traduzi-lo como ‘maravilhável’.

⁴ Nas cartas, é comum Lear unir as palavras sem usar espaço, prática muito usada nos dias atuais em linguagens de programação de computadores e também em redes sociais, acompanhando as ‘*hashtags*’ que criam hiperlinks dentro da rede. É curioso pensar que ele fez isso em 1848.

com a saúde bastante debilitada. Em 1867, foi para Cannes, no sul da França. Lá, conheceu John Addington Symonds, autor de sete volumes da história do Renascimento Italiano. Foi para a filha de Symonds, a pequena Janet, que pouco antes do Natal naquele ano, Lear escreveu o poema ilustrado A coruja e a gatinha (*The Owl and the Pussy-cat*), a mais famosa de suas canções nonsense. Retornou à Itália em 1883 com a saúde bastante debilitada. Tinha dificuldades para caminhar por causa do reumatismo, perdeu a visão direita e sua audição também ficou muito comprometida. Mesmo nesse estado, quando a dor não o impedia, ele levantava muito cedo com um enorme surto de energia e pintava o dia todo, até o pincel cair de suas mãos. As convicções religiosas que tinha aprendido com a irmã mais velha foram se perdendo com o tempo, porém muitas delas retomadas nos seus últimos anos de vida. Ele acreditava em vida após a morte e gostava de ler publicações religiosas. Dizia que nossa existência presente era tão insignificante em comparação ao que estava além da vida. Morreu em 1888.

Lear e as cartas

As cartas redigidas por Lear ao longo de sua vida são parte consideravelmente importante de sua obra. Levi (2013) ressalta o fato de Lear ter se tornado mais conhecido depois da publicação de suas cartas em 1907, por Constance Braham Strachey. Durante as inúmeras viagens, Lear escrevia aos amigos contando sobre os lugares que conhecia, a rotina que tinha, apontava seu posicionamento a frente de questões políticas e religiosas, retratava seus sentimentos, incluía desenhos feitos por ele e especialmente ressaltava através de tudo isso, que era de fato um senhor inglês vitoriano, cujo olhar permanecia permeado dessa característica quando retratava o outro. As críticas que costumava fazer aos lugares aos quais chegava, às pessoas provindas de outras civilizações, às notícias que recebia sobre acontecimentos dentro e fora da Inglaterra, são determinantes para descrever sua personalidade. O senso de humor também é muito presente nas correspondências, sendo possível até descrevê-lo como humor satírico, retratando a imagem que fazia do outro com sua opinião deveras preconceituosa.

Cheguei a Dublin em segurança, só um pouco descomposto, pois a única pessoa que havia no meu vagão era uma mulher muito gorda, exatamente como a imagem da baleia de Jonas que eu costumava ver quando era criança na bíblia. Estava com muito medo que ela fosse me engolir e me sentei esperando um

ataque repentino, até que a chegada do trem me aliviou da apreensão.
(STRACHEY, 1907, p. 58)

As cartas estão em três livros escritos em língua inglesa e em dois livros traduzidos ao italiano. O primeiro livro publicado traz uma coleção de mais de cem cartas e foi editado por Lady Strachey em 1907. O segundo livro de cartas, editado também por ela, em 1911, reúne outras cartas escritas por Lear e para Lear. As cartas acabaram em suas mãos por ela ser sobrinha de Frances Countess Waldegrave, esposa de Fortescue, o melhor amigo de Lear. O terceiro livro é uma seleção feita por Vivien Noakes, grande pesquisadora da vida e obra de Edward Lear. Foi publicado em 1988. As edições italianas são de 1990 e 1991.

No gênero epistolar, entramos em contato com as experiências de vida do outro, marcadas pelo seu tempo e pela sua história, perpassadas ao objeto das cartas e fixadas pela escrita. O epistológrafo tem, neste caso, a missão de solucionar os problemas de interpretação que cada carta pode ofertar sem mudar a informação que está sendo transmitida pelo remetente, desafiando, portanto, em especial na tradução, o trabalho com esse gênero. A carta passa a ser uma espécie de “espelho” a revelar a verdadeira identidade de quem a escreve. Barthes (2003) compara a carta a um desabafo, um extravasamento de si. Nas cartas escritas por Lear podemos contemplar descrições das paisagens e ambientes que estava. Algumas possuem histórias curiosas e pinceladas com o senso de humor muito característico da personalidade de Lear. As cartas, sem dúvida, mostram um pouco mais desse gênio do nonsense, autor de limeriques, pintor de paisagens e criador de um mundo imaginário onde pessoas têm narizes e pernas desproporcionais e as mais absurdas formas de expressão. E mesmo num mundo tão improvável e de tantas esquisitices, as pessoas se identificam umas com as outras, encontrando gentileza e espontaneidade e assim, nunca se sentirão sós.

Referências teóricas e históricas da tradução

Berman (2013) já chegou causando mal-entendidos no seminário que aconteceu no Collège International de Philosophie, em Paris, em 1984, quando usou a expressão “tradução literal”. Para sua audiência, a expressão significava “palavra por palavra”, prática não concebida aos tradutores mais influentes da época. A raiz do problema existe até os dias atuais por conta da confusão entre palavra e letra. Para Berman, a tradução

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.16, n.3, p.7-24, julh./set., 2018.

literal está baseada na tradução da letra de um texto, ou seja, não somente forma, mas carregada de sentido. Entretanto, uma grande parte dos tradutores considera a tradução como a busca de equivalentes, a limpeza do texto e o distanciamento ao que possa parecer estranho na língua estrangeira, ou seja, a prática da tradução etnocêntrica – trazer tudo a sua própria cultura. Berman (2013) ainda ressalta a tradução hipertextual que programa mudanças ao que é doméstico indo além dos limites colocados pelo texto de partida. O autor ainda enfatiza uma terceira tradução: a platônica, que dissocia o sentido da letra. Assim, o autor dá uma tripla dimensão ao ato tradutório: etnocêntrico, hipertextual e platônico.

Para Berman (2013) tradução é experiência, das obras e do ser obra; das línguas e do ser língua. Experiência ao mesmo tempo dela mesma, da sua essência, como sujeito e objeto de um ser próprio. Cada obra tem uma sistematicidade própria que a tradução enfrenta e revela. Por isso, a tradução de obras literárias não requer método, apenas sistematicidade, que não pode ser confundida com prescrição. O sistema da obra implica em uma tentativa de ver o todo da obra. O tradutor tem que se colocar em análise e enfrentar esse sistema da obra. Os sistemas das obras não são fixos, eles se alteram e evoluem.

Quanto ao “outro”, é preciso reconhecê-lo e recebê-lo enquanto “outro”. A abertura ao outro é como se colocar à prova, ou seja, olhar a tradução como embate e enfrentamento. Da mesma forma que a literatura é um “espaço de lutas”, a tradução segue nesse mesmo espaço.

Em ‘A prova do Estrangeiro’, Berman (2002) coloca o tradutor neste drama sobre qual dos dois senhores servir: a língua de partida ou de chegada? Há sempre uma condição subalterna da tradução que carrega a culpa da “fidelidade”, “do bem traduzir”. Berman tenta desvincular a tradução dessas amarras. É preciso equilibrar o que chamamos de tradução estrangeirizadora e tradução domesticadora. Se estrangeirizarmos demais, o tradutor pode estar traindo os seus. Em contrapartida, se domesticar demais, também vai faltar com o autor da obra. Sempre traidor, ainda que queira ser fiel. Outra questão que precisa ser levada em consideração e quanto à sacralização de uma língua. Esse, talvez, seja um dos problemas mais críticos da tradução. Há também de se levar em conta que aquilo que é canônico em uma língua, pode não ser na outra. Toda cultura resiste à tradução, pois ao ser traduzido, se estranha. A própria visada da tradução se choca com a cultura etnocêntrica de qualquer língua.

Ao elencarmos períodos históricos da tradução vamos perceber que são objetos de estudos, alguns mais concisos, outros mais complexos. Há aqueles que vão se apoiar na ideia de tradução como prática e outra vertente analisando a tradução como teoria. Steiner (2006) divide a teoria, prática e história da tradução em quatro períodos. O primeiro deles se inicia em Cícero (46 a.C.) dentro da filosofia de não se traduzir palavra por palavra, e vai até Hoderlin. É o período da prática, do foco empírico direto, no qual análises brotam do empreendimento do tradutor. Na sequência, como segundo período, vamos de Schleiermacher até Valéry em 1946. Vemos em pauta a teoria e a investigação hermenêutica. Dá-se a tradução um aspecto filosófico e surgem relatos sobre a atividade do tradutor, nos textos, por exemplo, de Goethe, Schopenhauer, Valéry, Benjamin, entre outros. O terceiro período se inicia na década de 1940. Acontece a aplicação da teoria linguística e a estatística à tradução. É o início da tradução automática O quarto período compreende a década de 1960 e persiste até os dias atuais. Revista-se o texto de Benjamin, *A tarefa do Tradutor*. Há uma retomada da fase hermenêutica e filosófica. Steiner (2006) segue o humanismo e não apresenta uma teoria de tradução implícita e carrega como ideia principal de seu texto que o ato de leitura e compreensão é um ato de tradução.

Entre os principais mitos da tradução podemos destacar o da “Torre de Babel” e o mito da septuaginta ou a bíblia dos setenta. Vemos nesses mitos a origem do elo existente entre a tradução e o sagrado. A tradução seria, então, a resposta à dispersão das línguas, e também uma forma de se reencontrar a unidade original dos seres humanos.

No decorrer da história da tradução podemos perceber que cada fase ou etapa, ou como queira denominar, é sempre cercada por uma série de críticas. As primeiras reflexões, marcadas pelo empirismo, se estruturam ao redor de oposições como: traduzibilidade e intraduzibilidade; letra e espírito; palavra e sentido; fidelidade e traição; ciência e arte; sagrado e profano; autor e tradutor; original e cópia. A oposição entre a teoria e a prática percorre a história da tradução e continua dividindo, ainda hoje, os pesquisadores. Quando examinamos bem detalhadamente essa questão podemos perceber que há um predomínio das atividades práticas da tradução em contrapartida as suas considerações teóricas.

Tradução da carta de Lear escrita ao seu amigo Fortescue

Como já citado anteriormente, durante sua vida Lear viajou muito, conheceu vários lugares e durante essas viagens costumava escrever cartas aos amigos contando sobre os incríveis lugares que conhecia. É importante ressaltar que muitas dessas descrições deixava evidente o fato de Lear ser um inglês vitoriano e que não afastava esse olhar quando retratava o outro.

A primeira carta desta coleção, traduzida na sequência, editada por Lady Strachey (1907), foi escrita em 16 de outubro de 1847 para o tio dela, Chichester Fortescue, por Edward Lear imediatamente na sua volta de Roma, local onde residia na época. O diário que ele manteve naquela viagem foi publicado em 1852, ilustrado por muitas litografias marcantes feitas a partir de esboços feitos durante a viagem. Toda Itália naquela época estava em um estado de agitação e inquietação política. As pessoas sentiam que a hora de formas de governo mais liberais tinha chegado.

Criada para facilitar o cotejo dos textos, a disposição em duas colunas com parágrafos numerados origina linhas em branco, que servem somente para manter o alinhamento entre original e tradução. As notas de rodapé são de minha autoria, escritas no decorrer da tradução, sendo assim não fazem parte do texto de partida. Utilizei palavra em itálico para identificar neologismo criado pelo autor.

Lear to Fortescue	Prezado Fortescue
Via Felice, Roma 16 Oct., 1847	Via Felice, Roma 16 de outubro de 1847
<p>1 Dear Fortescue, –Do not expect an unhampered & simple epistle as of yore, but allow something for the effect of your M.P'ism on my pen and thoughts: Or rather I will forget for a space that you are a British senator, & write to that Chichester Fortescue whose shirt I cribbed at Palestrina.</p> <p>2 Your letter, (one of 27, awaiting my coming, which coming took place extremely late last night,) diverts me highly: –Proby my constant companion (& few there be better,) agrees with me about your view of the road to Aviano -which we have only just, oddly enough gone over. Avellino is certainly exquisite, & so is Mte. Vergine when not in a fog, –But of Apulia we saw little, only from hills apart, because the</p>	<p>1 Prezado Fortescue, não espere uma carta simples como as anteriores, mas permita-me algo à altura do seu parlamentarismo sob minha caneta e pensamentos. Ou pode ser que eu me esqueça por um segundo de que é um senador britânico e escreva para aquele Chichester Fortescue cuja camisa eu roubei na Palestina.</p> <p>2 Sua carta (aquela do dia 27, aguardando minha vinda, chegou muito tarde na noite passada) me divertiu muito. Proby⁵ minha companhia constante (e poucas são tão boas) concorda comigo com sua opinião sobre a estrada de Aviano – pela qual curiosamente temos passado muitas vezes. A Província de Avelino é certamente ótima, assim como Montevergine quando não há neveiro. Mas,</p>

⁵ John, Lorde Proby, filho mais velho do Conde de Carysfort, de quem Lear fala como sendo “uma excelente companhia”, foi um amigo de longa data. Morreu em 1858.

atmosphere was pisonous in Septbr. Nevertheless Proby went to Cannae, and I believe found one of Annibals shoes or spurs, –also a pinchbeck snuffbox with a Bramah lock belonging to a Roman genl. –I rather chose to go see Castel del Monte, a strange record of old F. Barbarossa & which well repaid no end of disgust in getting at it. We saw the tree Horace slept under at Mte. Volture, & were altogether much edified by the classicalities of Basilicata.

3 I will begin from the beginning. First then I went (May 3) to Palermo, & on the 11th set out with Proby for Segestse. Excepting a run round by Trapani & Massala, & a diversion to Modica, Noto, and Spaccaforno, one Sicilian giro was like that of all the multitude. The Massala trip does not pay –& the only break to the utter monotony of life & scenery occurred by a little dog biting the calf of my leg very unpleasantly as I walked unsuspectingly in a vineyard. At the caves of Ipeica we became acquaint with a family of original Froglodytes : they are very good creatures, mostly sitting on their hams, & feeding on lettuces & honey. I proposed bringing away an infant Frog, but Proby objected. Siracuse only wanted your presence to make our stay more pleasant: I waited for and expected you every day. We abode in a quarry per lo piu, & left the place sorryly. From Catania we saw Etna & went up it: a task, but now it is done I am glad I did it: such extremes of heat and cold at once I never thought it possible to feel. Taormina the Magnificent we staid at 4 or 5 days, & then from Messina returned by that abominable North Coast to Palermo, just in time for the fête of Sta Rosalia a noisy scene which made me crosser than ever, and drove away the small remains of peaceful good temper the ugliness of the North Coast had left me.

4 So, 19th July –we returned to Naples –& there, as at Palermo was Scott –& to my disgust –no Fortescue. I fear when Scott sent up your card, & then entered too soon himself –I fear my visage fell very rudely. But I wish much now I had seen more of Sir

de Apúlia vimos pouco, nada além das colinas, porque o ar estava poluído em setembro. No entanto Proby foi a Canas e creio ter encontrado um dos sapatos ou esporas de Aníbal⁶; também uma caixa de rapé de ouro falso com fechadura Bramah⁷ que deve ter pertencido a um general romano. Preferi ir ao Castel del Monte⁸ e li um história curiosa do velho Frederico Barba-roxa⁹. Vimos a árvore sob a qual Horácio adormeceu no Monte Volture, tudo completamente edificado pelos

3 Mas, deixe-me retomar do início. Primeiro, no dia 03 de maio, fui a Palermo e no dia 11 parti com Proby para Segesta. Uma volta em Trápani e Marsala, diversão em Módica, Noto, e Spaccaforno, uma excursão siciliana como a que todos fazem. A viagem a Marsala não compensa e a única quebra da extrema monotonia da vida e da paisagem foi um cachorrinho mordendo a minha panturrilha enquanto eu caminhava bem distraído num vinhedo. Nas cavernas de Ipeica nos tornamos conhecidos de uma família de *troglossapos*: eram boas criaturas, a maioria sentada em seus pernis, e alimentando-se de alface e mel. Cogitei em trazer comigo um filhote de sapo, mas Proby não concordou. Em Siracusa, pensei o quanto seria bom se você estivesse aqui. Esperei-o todos os dias! Hospedamo-nos em uma pedreira e saímos daqui desolados. De Catânia avistamos o vulcão Etna e o escalamos. Uma dificuldade, mas agora está feito. Fico feliz por isso! Extremos de calor e frio ao mesmo tempo o qual nunca imaginei que pudesse sentir. Em Taormina, a magnífica, ficamos quatro ou cinco dias e então de Messina retornamos a Palermo pela abominável Costa Norte, a tempo da Festa de Santa Rosália, uma cena barulhenta que me deixou mais indisposto do que nunca e levou o resto de bom humor que a feiura da costa norte já tinha me roubado.

4 Então, em 19 de julho voltamos a Nápoles. Lá, assim como em Palermo estava Scott e para meu desgosto, nada de Fortescue. Receio que quando Scott me enviou teu bilhete, e entrou tão de repente, meu semblante tenha se tornado muito hostil.

⁶ Aníbal, filho de Amílcar Barca (248 a.C. - 182 a.C.) foi um general e estadista cartaginês considerado por muitos como um dos maiores táticos militares da história. Seu pai, Amílcar Barca, foi o principal comandante cartaginês durante a Primeira Guerra Púnica, travada contra Roma.

⁷ Joseph Bramah (1748 - 1814) foi um inventor inglês a quem se atribui a invenção da prensa hidráulica e de várias fechaduras de alta segurança.

⁸ Castel del Monte é uma fortaleza do século 13 situado na região da Apúlia, sudeste da Itália. Foi construído pelo imperador Frederico II da Germânia, neto de Frederico I.

⁹ Frederico I da Germânia (1122 –1190) - também conhecido por Frederico Barba-roxa, Frederico Barbarossa (ou simplesmente o Barbarossa) - foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico, rei da Itália e duque da Suábia. O nome "Barbarossa", forma aportuguesada do italiano "barbarossa" (isto é, barba ruiva) popularizou-se apesar de seu evidente despropósito, pois o significado original é "barba vermelha", devido à longa barba ruiva que ele usava. Na carta, Lear o cita estranhamente logo após falar do Castel del Monte que foi construído por Frederico II. Não há como saber se foi um engano por parte dele ou se ele queria mesmo se referir ao Barba-roxa, ou até mesmo fazer um trocadilho entre os nomes.

<p>F. Scott: as he improves immensely on knowing him. On the 26th we left Messina for Reggio. (N.B. I have crossed the sea from Naples to Sicily so often this year, that I know nearly all the porpoises by their faces, & many of the Merluzzi.) Would I had gone on to the 2nd & 3rd provinces: but the revolution which bust out in Reggio prevented me. What is the use of all these revolutions which lead to nothing? as the displeased turnspit said to an angry cookmaid. – Returning to Naples for the 199th time, we disposed of a month as I have said over leaf, in the provinces of Basilicata, Melfi, Venosa, etc. etc., and were not sorry to have done so.</p> <p>5 Rome is full of fuss and froth: but I believe now that Pio IX is a real good man, & a wonder. Railroads, gaslight, pavements, for all to be done in 1960? The last part of my stay here was a blank from the death of my oldest Roman friend, good kind Lady Susan Percy.</p> <p>6 Remember me to my friends, & believe me,</p> <p style="text-align: right;">sincerely yours, Edward Lear</p> <p style="text-align: center;">(STRACHEY, 1907, p. 2-5).</p>	<p>Gostaria de ter visto mais o Sr. Scott. Quanto mais o conheço, mais gosto dele. No dia 26 deixamos Messina e fomos para Reggio. (Observe bem, tenho atravessado o mar de Nápoles a Sicília tão frequentemente este ano que conheço todos os golfinhos e merluzas por suas feições.) Teria ido às províncias Segunda e Terceira, mas a revolução que estourou em Reggio me impediu. “De que adiantam essas revoluções se elas não levam a nada?”, disse o servo insatisfeito à cozinheira ranzinza. Retornando a Nápoles pela centésima nonagésima nona vez, dispusemos de um mês, como eu tinha dito antes, nas províncias de Basilicata, Melfi, Venosa, etc, etc e não nos arrependemos por isso.</p> <p>5 Roma está cheia de futilidades, mas acredito que Pio IX seja realmente um bom homem, ou quem sabe uma surpresa. Estradas férreas, luz a gás, pavimentação, estará tudo pronto até 1960? A última parte da minha estada aqui ficou um vazio com a morte da minha mais velha amiga romana, a amável lady Percy ¹⁰.</p> <p>6 Mande recordações aos amigos!</p> <p style="text-align: right;">Atenciosamente, Edward Lear</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O processo tradutório

Os comentários e reflexões a seguir visam justificar minhas escolhas nesse processo tradutório.

- Já no início da carta, surge um problema muito comum às traduções que diz respeito a traduzir ou não nomes próprios, neste caso, mais especificadamente, nome de lugares. Decidi, traduzi-los à medida que encontrava nomes equivalentes em língua portuguesa.
- Algumas palavras usadas na carta de partida remetem aos termos mais antigos utilizados no século XIX, como por exemplo, epístola ao invés de carta (parágrafo 1). Optei por usar termos mais atuais.
- Durante a carta, em substituição a conjunção aditiva “e” Lear usa o monograma &, anglicismo comum à época. Decidi por substituí-lo.
- Apareceu o termo “pisonous”. Procurei em vários dicionários e não encontrei. A palavra mais parecida que encontrei e que pareceu fazer muito sentido no contexto foi

¹⁰ Ela era irmã do quinto Duque de Northumberland.

“poisonous” que poderia ser traduzido como venenoso, tóxico ou poluído, sendo esta última a minha escolha. (parágrafo 2)

➤ Aparece o termo “giro” que é um termo em italiano e que traduzido ao português seria excursão. Optei por traduzi-lo, mesmo arriscando perder a essência da utilização do termo em italiano, uma vez que Lear estava escrevendo da Itália. (parágrafo 3)

➤ Lear cria um neologismo. Ao invés de troglodytes, ele utiliza frogloodytes para se referir a sapos enormes. E em língua portuguesa? Ao invés de trogloditas, usei troglossapos. (parágrafo 3)

O humor satírico presente na carta foi um elemento preservado na tradução. Característica muito marcante de Lear, às vezes, até com um toque de crueldade quando se referia a uma pessoa, quase sempre estrangeira, e sua opinião vinha impregnada de prepotência e até mesmo preconceito, fator que evidencia a visão de um típico cidadão inglês do século XIX. A visão do estrangeiro que Lear tinha e que deixa perpassar nitidamente na carta, também é um aspecto bastante interessante para analisar. Podemos perceber uma observação bastante crítica do que ele presenciava, tanto sobre a personalidade das pessoas que ele cita e principalmente dos lugares em que ele passava.

As notas de rodapé são um texto a parte da tradução. São importantes no processo tradutório porque trazem informações que elucidam o cenário, as pessoas citadas e os neologismos criados.

É importante perceber que tradutores têm elementos vivos e dinâmicos de trabalho – línguas, elemento carregado de crenças, de enorme bagagem cultural. O tradutor possivelmente irá se dirigir a um público diferente do público do texto de partida. Bassnett (2003) fala sobre expressões intraduzíveis e sobre a tradução de expressões idiomáticas que, assim como os trocadilhos, só tem sentido em certa cultura. “[...] como a língua é o sistema modelador primário dentro de uma cultura, a intraduzibilidade cultural tem que estar de fato implícita em qualquer processo tradutório” (BASSNETT, 2003, p. 56). Berman (2013) também fala sobre os provérbios, que de alguma forma se aproximam das expressões idiomáticas, e da dificuldade ao decidir como traduzi-los.

Desta forma, frente a um provérbio estrangeiro, o tradutor encontra-se numa encruzilhada: ou busca seu suposto equivalente, ou traduz “literalmente”, “palavra por palavra”. No entanto, traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir “palavra por palavra” é preciso traduzir o seu ritmo, o seu

comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações, etc. (BERMAN, 2013, p. 20)

Para Rónai (1981, p. 31):

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade de um grande espírito. Ela nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhes as intenções mais veladas.

Antes de ser tradutor, é preciso desempenhar um papel de leitor e, através de uma estreita relação com o texto, apresentar suas interpretações particulares. Suas interpretações, não necessariamente, condizem com as intenções do autor. Ainda que o tradutor estabelecesse como meta recuperar todas as intenções autorais e todos os sentidos do trabalho original, integralmente, somente conseguiria escrever aquilo que ele considera como sendo as intenções do autor e os significados originais. O tradutor se baseia em seu filtro pessoal, em sua visão de mundo ou interpretação, que não é totalmente sua, pois esta mantém uma estreita ligação com o seu contexto sócio histórico. O foco interpretativo é transferido do texto, como depósito da intenção do autor, para o tradutor. Para Arrojo (2000, p. 41) isso significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções. Ela acrescenta dizendo que a tradução não representa uma técnica de simples transferência de sentidos de uma língua para a outra, mas um processo de criação de novos significados. Derivado do pensamento perspectivista e filiado também ao desconstrutivismo, seu trabalho defende a valorização do tradutor como um criador de sentidos não oferecidos pelo texto de partida, mas concretizados por meio de uma relação entre texto e leitor. Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos (ARROJO, 2000, p. 44).

Como já foi dito anteriormente, a tradução de cartas implica em alguns critérios que precisam ser levados em consideração, como o fato de se tratar de um texto que a priori não foi escrito com a intenção de ser publicado. O conteúdo de uma carta normalmente tem um objetivo muito específico de informar alguma coisa a alguém e, motivada por esse

pensamento, tentei permanecer muito fiel ao texto de partida, à língua de partida, assim como também à cultura de partida, a fim de, em nenhum momento, mudar, interferir ou acrescentar naquilo que Lear tentou dizer, de tal maneira que, certamente, envolveu e continuará a envolver o seu leitor.

Considerações finais

Muitas reflexões acerca dos processos tradutórios têm sido feitas ao longo da história. Há muitas metáforas para a tradução como um vaso quebrado, o fogo e as cinzas, e a comparação da tradução a um quebra-cabeça, ou seja, desmontar e remontar a obra de outro. Mexer e interferir em algo que não nos pertence. Estar sempre às margens da frustração à medida que se traduz. Por outro lado, as pessoas dependem de traduções, o que torna a tarefa indispensável. Rónai (2012) aponta que não é as palavras intraduzíveis o maior desafio do tradutor, mas as traduzíveis, pois escondem armadilhas que podem ser cruciais no trabalho tradutório. O autor também cita que deve haver um equilíbrio de fidelidade entre a língua de partida e a língua de chegada. Pode ser que a palavra-chave na tradução seja mesmo essa: equilíbrio.

A história da tradução se estende por séculos e podemos nos deparar com conceitos irrealistas que não se encaixam com perfeição e que geralmente são formados por teorias contraditórias. A tradução então se divide entre o sagrado e o profano, a revelação e o sacrilégio.

No que tange a tradução das cartas, é um misto de sentimentos entre se apossar daquilo que foi destinado a outra pessoa e de interferir na mensagem através da tradução. Mesmo se tratando de um texto em prosa, que aparentemente, não resulta em tantas dificuldades do que um texto em verso, a decisão entre domesticar ou estrangeirizar o texto precisa ser tomada. Novamente, a ideia de uma posição intermediária parece se encaixar. A arte de traduzir, segundo Rónai (2012), consiste em saber quando se pode verter um texto e quando se devem procurar equivalências. De uma coisa podemos ter certeza, a teoria da tradução não acompanha a prática. Assim, estará sempre em defasagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Dirce Waltrick. **Viagem numa peneira: poesia e prosa**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ÁVILA, Myriam. **Rima e Solução: A Poesia Nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear**. São Paulo: Annablume, 1996.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASSNETT, Susan. “**História da teoria da tradução**”, In *Estudos de tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BENJAMIN, Walter. “**A tarefa do tradutor**”. In *Clássicos da teoria da tradução*. p.203 a 231. / Werner Heidermann, org. – 2. ed. – Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tubarão: Copiart/Florianópolis: PGET, 2013. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini.

_____. **A prova do estrangeiro**. Bauru: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

DAVIS, Philip. **The Victorians**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 344.

KELEN, Emery. **Mr. Nonsense A Life of Edward Lear**. Nashville: Thomas Nelson Inc., 1973.

LEAR, Edward. **The Complete Nonsense Book**. Edited by Lady Strachey. London: T. Fisher Unwin, 1912.

LEVI, Peter. **Edward Lear: A life**. New York: Tauris Park Paperbacks, 2013

NOAKES, Vivien. **Edward Lear – the life of a wanderer**. Glasgow: William Collins Sons & Co Ltd, 1979.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “**Sobre os diferentes métodos de tradução**”. In *Clássicos da teoria da tradução*. p.39 a 101. / Werner Heidermann, org. – 2. ed. – Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

STEINER, George. **Depois de Babel**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Editora da Universidade Federal do Paraná, 2006.

STRACHEY, Lady (org.). **Letters of Edward Lear**. London: T. Fisher Unwin, 1907. p. 8

TIGGES, Wim (org.). **Explorations in the Field of Nonsense**. Amsterdã: Rodopi, 1987.